

A MIGRAÇÃO SERTANEJA EM A BAGACEIRA

ADRIÃO, Maria Antonia Veiga.*

RESUMO:

Analizamos o Romance **A Bagaceira** de Jose Américo de Almeida publicado em 1928, no Segundo Capítulo de nossa Dissertação de Mestrado **MEMÓRIAS DO SERTÃO: A MIGRAÇÃO SERTANEJA ENTRE IMAGENS E DISCURSOS LITERARIOS**, defendida em 2002 pela Universidade Federal de Pernambuco, quando nos propomos a analisar a emigração sertaneja tematizada na Literatura da Seca por entendermos que essa literatura ressignificou uma memória sobre os habitantes do sertão nordestino a partir do primeiro romance sobre o tema **Os Retirantes**, quando apresenta os sertanejos sempre dispostos a emigrar no primeiro sinal de intempérie, totalmente desenraizados e irracionais, limitando suas experiências sociais e culturais a temporadas de chuvas ou de secas, colocando-os ainda numa relação paternalista com o branco proprietário que aparece como aquele que protege e que pensa com racionalidade, em contraponto aos emigrados ou retirantes, memória essa também percebida em *A Bagaceira*.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Literatura, Migração, Seca.

Reproduzimos aqui parte da análise já realizada no Segundo Capítulo de nossa Dissertação de Mestrado intitulada **Memórias do Sertão: A Migração Sertaneja entre Imagens e Discursos Literários**, quando procuramos por em evidência o tema migração sertaneja que aparece em quase todas as obras literárias sobre Seca, quando a **Literatura da Seca** pode ser considerada criadora / recriadora de memórias sobre o *sertão*¹ nordestino enquanto espaço físico, assim como sobre seus habitantes.

Quanto ao Romance **A Bagaceira**, de Jose Américo de Almeida concordamos que essa obra se insere nessa *perspectiva literária* como um texto que *inaugura o gênero nordestino*, ou o novo regionalismo, e que *forneceu as linhas mestras da literatura brasileira dos anos trinta*, (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999:120), e dessa forma, *A Bagaceira* se incluía no gênero literário modernista, em voga, mas considerado pelos críticos como a **1ª Fase do Modernismo**, portanto, seguia seu paradigma literário, ou seja, sua linha de escrita e interpretação.

* Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú Sobral-Ceará - Departamento de Historia. Dissertação de Mestrado defendida pela Universidade Federal de Pernambuco em 2002 com Bolsa Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao desenvolvimento Científico e Tecnológico FUNCAP.

Contudo, também a vemos como uma obra que traz evidência histórica, quando o contexto sóciopolítico e cultural das primeiras décadas do século XX pode ser percebido na trama em que Almeida envolve seus personagens que sofriam o flagelo causado pela Seca de 1898.

Nesse sentido, é possível perceber em *A Bagaceira*, *discursos*² do presente vivido pelo autor, mas também do passado sobre as intempéries que assolaram o sertão nordestino. E desse modo, esse escritor evidencia ideologias, políticas públicas sobre Secas, faz críticas ao sistema socioeconômico e político vigente, e expressa seu pensamento sobre a bagaceira, que é como Almeida vai perceber a gente pobre e migrante flagelada, habitante do sertão, mas também os brejeiros.

Essa primeira fase do Modernismo brasileiro em que se insere *A Bagaceira* pode ser considerada como o segundo momento da Literatura da Seca, sendo que a primeira etapa foi inaugurada com o romance **Os Retirantes** de José do Patrocínio publicado em 1879 que analisamos no primeiro capítulo dessa pesquisa.

Essa fase da Literatura Regional nordestina que transcorreu durante a primeira fase do **Modernismo** brasileiro, teve como marco inicial a **Semana de Arte Moderna** realizada em fevereiro de 1922, e que foi marcada por questões que suscitaram um engajamento político muito maior de escritores brasileiros, salientando o papel político denunciador e reivindicatório que a Literatura havia assumido desde a segunda metade do XIX com a literatura realista/naturalista.

Questões inerentes à conjuntura política nacional que deixavam insatisfeitas as elites políticas e intelectuais, pois a República, ideal político liberal de muitos desses homens das letras estava longe de corresponder aos seus ideários, pois se tornara uma república oligárquica, indiferente aos problemas sociais já existentes antes de sua proclamação e que tinham se agravado com o capitalismo industrial que despontava em cidades como São Paulo; enquanto o campo permanecia sem solução de seus problemas, inclusive a Seca.

Sem contar que havia uma rivalidade política entre as regiões brasileiras desde o XIX quando o café despontara como principal produto para as exportações, enquanto desbancava a cana-de-açúcar, produzido na zona da mata nordestina e que se manteve séculos na liderança das exportações, e que por sua vez, colocara em evidência políticos nordestinos que agora se encontravam em desprestígio. Sem contar a influência do contexto internacional com as

conseqüências da 1ª Guerra Mundial, a Revolução Russa e o temor que o Comunismo avançasse e ganhasse força como novo ideário político.

A trama que se observa em *A Bagaceira* demonstra a tensão social e política, em que Américo de Almeida, um paraibano graduado em Direito, que, além de escritor, fez carreira política de destaque a nível nacional, encontrava-se. Contudo, esse autor desvia o enfoque que caracterizou a primeira parte da *Literatura da Seca*, ou seja, as condições geofísicas e biológicas do sertão e seus habitantes, respectivamente, que em conjunto, expulsariam ou provocariam a emigração de sertanejos, para outra perspectiva: a responsabilidade de instituições públicas e sociais que não cumpririam seus papéis políticos e sociais. Logo, não estavam empenhadas também em solucionar os problemas causados pelas estiagens, menos em corrigir as disparidades regionais.

Entretanto, em *A Bagaceira*, também os sertanejos pauperizados aparecem como responsáveis pelos seus problemas e pela falta de soluções, assim como pelas retiradas, por se comportarem como bagaceira, pois *Limitavam-se a fitar os olhos terríveis nos seus ofensores. Outros ronronavam, como se estivessem engolindo golfadas de ódio*, no que se diferencia um pouco dos outros romances sobre *Seca*, quando os retirantes aparecem também como vítimas de todo um sistema corrupto, além do clima. Todavia, para Almeida, *A história das secas era uma história de passividades*. (ALMEIDA, 1978: 5)

Segundo Albuquerque Jr. Américo era um intelectual dividido entre as teorias científicas, positivas e *eugênicas encampadas por Euclides da Cunha*, teorias estas, diga-se de passagem, que influenciara não apenas este escritor e jornalista, mas todos os escritores da primeira fase da literatura regionalista, quando expressa um *nítido preconceito racial e uma visão depreciativa do negro e do mestiçamento com essa raça, que a escravidão na zona da mata propiciara*, e as *pregações regionalistas de Gilberto Freyre*, no tocante, por exemplo, a valorização da *sociedade patriarcal*, quando as relações entre brancos e negros são pensadas dentro de uma normalidade e sem conflitos raciais, ou melhor, estes existiriam, mas solucionados internamente, no âmbito das relações familiares. Isto porque Freyre defendia que os conflitos que marcaram a construção da sociedade brasileira, teriam acontecido *entre pessoas, e não entre classes, grupos ou instituições sociais*. (ALBUQUERQUE JR, 1999:40-41 – 97).

Neste sentido, Almeida como Freyre desejava um progresso para a região Nordeste, porem *sem ver modificadas as relações tradicionais de trabalho e de organização social*, ou sem ver alterada a ideologia que as mantinham. Desejava dessa forma, *conciliar o tradicional*

com o moderno, (...) o Nordeste devia se modernizar, sem perder seu caráter, leia-se, sem ver modificadas as suas relações de dominação. (ALBUQUERQUE JR, 1999: 139-140)

Portanto, Almeida pensava o atraso econômico-social e cultural da região como fruto não só das Secas periódicas que cooperariam sem dúvida com esse atraso, além de considerar o caráter impuro da raça, mas principalmente como resultado de uma política nacional discriminatória, que precisava ser corrigida através da renovação política das instituições públicas, para que pudessem proporcionar a modernização tecnológica e cultural que essa área do país necessitava.

Defendendo assim, um Estado intervencionista e reformista, capaz de evitar o conflito social e promover as reformas desejadas. Não sem razão que viria a ser após a publicação de *A Bagaceira*, um grande colaborador de Getúlio Vargas. A República liberal havia fracassado em seus propósitos de ordem e progresso. Não havia ordem em uma sociedade com tantas disparidades, e o progresso estava concentrado nos estados do Sul. Contudo, não só o Estado brasileiro precisaria ser reformado, também a sociedade precisaria ser reformada dentro de uma dinâmica que a modernizasse, unindo-a à ciência, ao conhecimento e ao progresso tecnológico. Isto muito bem explicitado nas ações do personagem Lucio Marçal, da obra em pauta.

Portanto, José Américo de Almeida salienta em *A Bagaceira* a memória já existente sobre o sertão e sobre as intempéries climáticas, quando ressalta, por exemplo, a dicotomia entre as raças e entre os meios físicos e sociais (sertão e litoral, ou brejo e sertão), expondo os personagens (retirantes e brejeiros) à racionalidade do Dr. Marçal, branco educado na cidade. Como também, quando esse escritor recorre a temas já explorados pelos escritores que tematizaram Seca e suas conseqüências sociais, como a prostituição, a falta de higiene e racionalidade dos retirantes, a falta de sanidade na morte por vingança, ou pela honra, o banditismo, sem contar, a retirada com a emergência da seca.

As palavras de seus figurantes têm a pretensão clara de denunciar a *miséria existente no Nordeste*. Almeida sabia que fazer recordar a penúria de sertanejos e brejeiros mais uma vez, poderia subtrair resultados positivos como sensibilizar os setores estatais e a sociedade brasileira da necessidade de repensar políticas e ações que pudessem tirar a região Nordeste do atraso político, social e econômico.³

Deste modo, apresenta em *A Bagaceira*, os *Homens do sertão, dependentes, obcecados na mentalidade das reações cruentas*, incapazes de manifestações que os tirassem

daquela situação de indignação extrema. A inanição os teria deixado debilitados, ao ponto que não seriam capazes de *convocar, as derradeiras energias num arranque selvagem*. (ALMEIDA, 1978:06). Portanto, era preciso à ação superior, inteligente, racional e caridosa de homens brancos e bem-educados, porque:

Sem os fermentos da ambição que atormentam a natureza humana; sem os cuidados da previdência, numa vida de cada dia; sem imaginação que elaborasse pressentimentos mofinos; sobretudo, sem tempo para pensar em ser triste – essa gente tinha a fortuna de não se conhecer. As próprias dores físicas eram discretas, sem choro alto. (ALMEIDA, 1978:40)

Caberia aos doutores, aos intelectuais, aos líderes políticos, aos bacharéis e homens da cidade como o personagem Lúcio Marçau, salvar os camponeses de seus destinos cruéis. Era preciso lideranças entendidas que questionassem essa sociedade injusta *em nome dos réus*, é claro. Que acusassem os *poderes públicos* de suas omissões, visto que estes não procuravam *corrigir os acidentes da natureza incerta*, e que nesse sentido, eram responsáveis por não *fixar o sertanejo no sertão*. (ALMEIDA, 1978, 130-131)

Era preciso denunciar mais ainda, era necessário dizer que homens como Dr. Marçau não faziam mais pelos sertanejos, que eram obrigados ao *nomadismo*, e que por isto, não conseguiam manter suas famílias unidas, protegidas, alimentadas, quietas em seus cantos, trabalhando e satisfeitas com suas labutas. Se Bacharéis como Marçau não tomavam posturas mais radicais em nome dessa gente e da justiça social era porque eram silenciados, não podiam *atacar os poderes públicos*, diretamente.

Eram impedidos de advogarem por réus como Pirunga, (outro personagem de seu romance), que nem nome tinha, vítima muito mais das elites governantes e dos poderes constituídos da sociedade, que dos males causados pelas secas, que podiam ser corrigidos.

Contudo, advogados como Dr. Marçau não se preocupavam apenas com os problemas que afligiam os sertanejos pobres. Suas preocupações eram muito maiores obviamente. A Bagaceira traz também uma preocupação sociológica com os brejeiros, porque era preciso denunciar conjuntamente, aquelas condições de injustiças que resultaram inclusive, na passividade, na resignação e na submissão do *saber sofrer*, com uma prática cotidiana inconsequente, por serem inconscientes de seus direitos.

Estas eram características não só dos sertanejos, mas também dos brejeiros. Portanto, da gente pobre habitante do Nordeste, submissa, *despercebida* que seria *de todos os vexames do servilismo remanescente*, atesta o autor. Situação que não podia mais ser tolerada. Porque estes sequer sabiam falar do que lhes angustiavam, tão grande era a opressão em que viviam, exatamente porque nem sabiam o que lhes causava aflição! Assim, como iriam modificar o contexto adverso?

Almeida enfatiza tanto a flagelação da bagaceira como de Lucio Marçau, porque sofria por conhecer os problemas e as soluções e por ser impedido de agir como deveria. E seus sentimentos eram diferenciados porque não era indiferente aos problemas nem aos motivos, devido à consciência política, ao esclarecimento acadêmico e ao comprometimento com as causas sociais daquele povo sofrido. E é claro, também não era culpado, por não se sentir representante das classes opressoras. Ao contrário, era condescendente com sertanejos e brejeiros, porque também se sentia oprimido. Vejamos essa passagem:

Chegava a saber que os sofrimentos morais eram uma ilusão dos sentidos. Só havia uma condição de felicidade: não saber sofrer. Feliz era o animal que se encolhia à chicotada e a esquecia, quando deixava de doer. Feliz era a sensibilidade que não ia além da casca grossa; E bendizia a ignorância que ignora até a dor. Invejava essa vivacidade inconsciente... (ALMEIDA, 1978: 40)

Era preciso denunciar *feridas abertas* como a dos retirantes, deixá-las *sangrar*, propagar suas existências, suas causas, seus resultados, a responsabilidade das autoridades, da sociedade e das vítimas; para que surgissem as soluções. Para que passados os anos, aquela gente não terminasse como *fantasmas estropiados, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas*, como percebia o autor. Sem *sexo, nem idade, nem condição nenhuma*, continua o autor: *Mais mortos do que vivos, Vivos, vivíssimos mas só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, assombrados de si próprios.* (ALMEIDA, 1978: 40-41-97)

Era preciso prevenir para que os sertanejos não terminassem mais humilhados, mais feios, mais esfaimados, mais fedidos, mais sedentos, e o que era pior; mais insensíveis ao seu próprio sofrimento. Ressaltando que como nos romances de seca anteriores A Bagaceira, seus figurantes se tornam personagens históricos, pois são colocados em meio a uma historicidade

de retiradas que passavam como herança de pai para filho, na perspectiva de *Uma historia que se repete, e que tem sido reproduzida nos ciclos mortais da seca por milhares de bocas famintas*, concluiu Américo.

Histórias narradas como experiências de vidas inteiras de retiradas, quando segundo o escritor: *Ninguém pergunta a um retirante donde vem nem para onde vai*, porque sabe que ele *é um homem que foge do seu destino*.

É interessante notar que, Almeida a exemplo de Patrocínio, apresentou como símbolo da memória das secas um velho sertanejo que desde criança, acostumou-se as retiradas com sua família. Deixando manifesto um imaginário instituído sobre essas migrações e sobre as fatalidades passadas. Recordações que precisaria ser exaltadas e repetidas *por um velho*, que sobreviveu como um *santo – herói, seco por dentro*, com *espírito mirrado, tocando a sorte*, acentuou o autor.

É relevante também o fato de que nas reminiscências de um experiente sertanejo a memória social era refeita, recriada, reinventada, repensada nos mínimos detalhes fecundos, para fazer nascer novas historias de secas, ou ratificar as já contadas do *rebetão de 77*. Embora que por já ser idoso, o personagem não pudesse relembrar pormenores passados de quando era menino, porém, recordava-se *muito bem*, dos tormentos que passara depois de adulto, quando escapara *na estica, com a vontade de Deus*.

Um velho com toda uma vida dedicada a fugir de secas era um personagem ideal para dar um tom de realidade às questões apresentadas em *A Bagaceira*. Para conscientizar a sociedade brasileira e as representações políticas de que o Nordeste tinha uma historia secular de tragédias comprováveis, de flagelo, de inanição, de retiradas.

E para concluir, Jose Américo de Almeida recolocava os sertanejos no ciclo das secas. Sendo que alguns personagens como Valentim, estavam livres, absolvidos *por perturbação de sentidos e de inteligência*. Outros, como Pirunga, eximidos pela conservação de seus sentimentos mais nobres, mais caros a um homem, como fidelidade e respeito aos amigos. Estes ficariam protegidos sob a tutela do justo senhor de engenho, bom doutor, que racionalmente, interveio em suas sortes.

Entretanto, Soledade, de índole pervertida, continuaria em retiradas, porque ao contrário dos outros, adulterou ao mais puro dos sentimentos, ao mais honesto dos homens, não soube sequer ser agradecida a compreensão e a bondade paternal de Dr. Marçal, que não a tratou como *retirante* em nenhum momento. Ao contrário, a respeitou como a *uma mãe*. No

entanto, enquanto remia até tocá-la, para não macular aquela amizade, Soledade ao contrário, colocou-se injustamente, comprometendo a ética existente entre as famílias, (a do doutor e a da sertaneja). Traíndo ao mesmo tempo, a confiança existente entre os amigos e entre os amantes.

Dessa forma a sertaneja merecia continuar retirante, como muitas outras mulheres de sua iguala, na vida de penúria, como uma *sombra rediviva*, expulsa de *suas plagas pelo clima revoltado*. E para completar seu castigo, Soledade retorna depois de alguns anos mais humilhadas do que antes e envelhecida: *trazia as faces tão escovados que parecia ter três bocas*. Era *a seca do quinze*. Era a *retirada de 1915*, observa o autor. E aquela mulher que em 1898 estava com todo vigor puberal, 17 anos depois *estava de cabelos brancos*, com todos os agravantes da miséria; mascarada, irreconhecível.

O final do romance atesta mais uma vez a indignação do autor, que não aceitava a conformação daquela gente, entregue a própria sorte, alienada, sendo tangida pelas secas. Sofria porque conhecia as causas, e sabia que o motivo principal *era a submissão que era filha da ignorância e da miséria*. Portanto, os sertanejos nunca seriam livres daquele jugo enquanto não lutassem pela libertação moral que os subjugava, enquanto não lutassem pela liberdade, nem pelo desenvolvimento social e cultural. Não faltariam retiradas no sertão, enquanto as ações dos sertanejos estivessem limitadas a ir e a vir, à procura de trabalho e proteção de um senhor justo e bondoso.

¹ Ver, BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar-incomum* – O sertão do Ceará na literatura do século XIX. São Paulo, 1998. (Tese de doutorado em História social apresentada a FFLCH / USP) P 248. Para essa historiadora foi através da literatura que se estabeleceu a “igualdade **sertão – seca**, e que esta assumiu a conotação de princípio integrador do espaço ‘sertanejo cearense’ no espaço nacional. Essa integração se dá por uma dupla conexa: de um lado, a seca, fenômeno natural, produz miséria e cria problemas para a nação; de outro, o pensamento ilustrado, reivindica-se o poder de resolver o problema, propondo estudos científicos “contínuos do fenômeno” e soluções técnicas.”

² Ver ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982. P 12. Para Orlandi: foi preciso acrescer a memória da nação, os “enunciados, como os dos discursos fundadores, aqueles que vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido...” .

³ Ver ALBUQUERQUE JR. Durval M. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN: Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. P 59. Para esse historiador “O discurso da seca, traçando “quadros de horrores” vai ser um dos responsáveis pela progressiva unificação dos interesses regionais e um detonador de práticas políticas e econômicas que envolvem todos “os estados sujeitos a este fenômeno climático.” A Descrição das “ misérias e horrores do flagelo” tenta compor a imagem de uma região “abandonada pelos poderes públicos” .